

# AGOSTINHO DA SILVA - UM PEDAGOGO CONTEMPORÂNEO PORTUGUÊS EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO PARA O FUTURO

Artur Manuel Sarmento Manso  
Universidade do Minho

## 1. Aspectos da sua vida e da sua obra

Agostinho da Silva morreu em Lisboa no dia 3 de Abril de 1994. Já tinham decorrido 88 anos desde que o seu nascimento se deu na cidade do Porto em 13 de Fevereiro de 1906.

Com poucos meses de vida foi com os pais, Francisco José Agostinho da Silva e Georgina do Carmo Baptista da Silva para a aldeia rural e raiana de Barca de Alva onde passa a infância que será positivamente determinante na formação da sua sensibilidade, tendo aí iniciado a formação escolar com a sua mãe.

Em 1915 regressou ao Porto para fazer o exame de admissão ao Liceu, tendo falhado uma primeira inscrição na Escola Industrial Mouzinho da Silveira onde tencionava seguir um curso técnico-profissional. Matriculou-se, então, no Liceu Rodrigues de Freitas, onde teve como professores, entre outros, Francisco Torrinha e Augusto César Pires de Lima.

Concluído o Liceu, em 1924 ingressou na Faculdade de Letras do Porto, primeiro em Filologia Românica, depois, por desentendimentos com Hernâni Cidade, em Filologia Clássica. Em 1928 aí concluiu uma licenciatura em "Liberdade" com uma tese sobre o poeta latino Catulo, e no ano seguinte voltou à mesma faculdade para se doutorar em "Raiva" com a tese intitulada *Sentido histórico das civilizações clássicas*.

Em 1927 colaborou na revista da Renascença Portuguesa *A Águia* e em 1928 iniciou uma longa colaboração - 10 anos - na revista *Seara Nova*. Destes dois movimentos culturais aproveitou um conjunto de ensinamentos e experiências que tentará conciliar no seu pensamento de maturidade.

Em 1930 frequentou em Lisboa a Escola Normal Superior para adquirir a habilitação exigida à leccionação no ensino oficial e, em consequência é colocado no Liceu Alexandre Herculano.

Entre 1931 e 1933 foi bolseiro da Junta Nacional de Educação na Sorbonne e no Collège de France. Em Paris travou conhecimento e amizade com alguns exilados políticos de então, nos quais se contam António Sérgio e Jaime Cortesão.

Leccionou ainda no Liceu de Aveiro onde já tinha colaborado com a revista pedagógica *Labor*, e aí se encontrava aquando da sua demissão da função pública por se ter recusado a assinar a Lei Cabral no ano de 1935.

Em 1936 repetiu a experiência de bolseiro, desta vez em Madrid, onde a convite de Joaquim de Carvalho, frequentou o *Centro de Estudos Históricos*, e sob a orientação de Américo de Castro investigou o misticismo. Por desentendimentos com Américo de Castro regressou a Portugal e leccionou em Lisboa, no colégio particular *Infante de Sagres*. Para subsistir deu explicações, e nos seus explicandos contam-se, entre outros, Mário Soares.

## 2. Fundador da institutos e universidades

O seu empenho na fundação de movimentos, escolas e institutos com objectivos pedagógicos começou muito cedo. Em 1932 enquanto a *Seara Nova* publicava os seus artigos de crítica mordaz ao meio académico português na figura das universidades e seus professores, a Junta Nacional de Educação convidou-o a organizar a abertura do *Centro de Estudos Filológicos da Universidade Clássica de Lisboa*.

Em 1937 empenhou-se na fundação do *Núcleo Pedagógico Antero de Quental* com a "...convicção de que o trabalho educativo é basilar e de que grande parte dos esforços do escol de cada país se deve canalizar neste sentido...". Estabeleceu como objectivos deste núcleo os seguintes:

1. Realizar missões de cultura pelas vilas e aldeias, com palestras, leituras comentadas, projecções cinematográficas, concertos, representações, exposições de arte e de ciência;
2. Organizar conferências pedagógicas em que se tratem de todos os problemas relativos à educação de crianças e adultos;
3. Promover a publicação de um Boletim de divulgação pedagógica;
4. Promover a publicação de colecções de iniciação cultural para crianças e adultos;
5. Fundar escolas experimentais em que se estude a adaptação ao nosso País de métodos modernos;
6. Organizar uma Biblioteca pedagógica com serviços de empréstimos domiciliários;
7. Criar nos pequenos centros de população bibliotecas escolhidas que despertem e cultivem o gosto pela leitura;
8. Organizar sessões de cultura por T.S.F"<sup>2</sup>.

O ideário político-social do movimento seareiro cruza-se nestes objectivos, com o ideário de cariz mais espiritualista do movimento da Renascença. Sobre os feitos e os defeitos de cada movimento Agostinho referiu que embora a *Seara* tenha procedido a uma "...campanha educativa que felizmente não ficou no que respeita a um sector especializado, o da pedagogia, mas se estendeu a todo o domínio da vida humana", contudo "...não deu suficiente

atenção, em política interna, a sectores verdadeiramente populares, julgando que o era a juventude das escolas, que da classe média vinha e à classe média iria, nem em política externa, ao Ultramar: ao Brasil, que praticamente se ignorou, e às nações de Espanha [...] tendo sido mais atenta neste ponto, a *Renascença Portuguesa* que por sua *Águia* sempre se reclamou a política certa da dignificação do indivíduo, de autonomia do pensamento, de independência quanto aos Governos, ainda que as circunstâncias tivessem levado a que por vezes se admitisse, perigosamente, a possível vantagem de um regime autocrático<sup>73</sup>.

A publicação iniciada em 1937 das *Biografias* e dos *Cadernos*, verdadeira Universidade Popular por correspondência, dão quanto a nós a forma definitiva aos objectivos propostos pelo *Núcleo*.

Em 1944 rumou ao Brasil e dali partiu para o Uruguai e Argentina, onde leccionou nos Colégios e Universidades Livres. A convite da Escola de Estudos Superiores de Buenos Aires, organizou cursos de *Pedagogia Moderna*.

Regressado ao Brasil no ano de 1953, entre outras actividades, ensinou na actual Universidade Federal Fluminense, do Rio de Janeiro, *Filosofia da Educação*, na altura denominada *Faculdade Fluminense de Filosofia do Rio de Janeiro*<sup>4</sup>, fortemente motivado "...pela natureza indeterminada do seu conteúdo..."<sup>74</sup>, para a qual teve de "...inventar um programa de raiz"<sup>75</sup>. Agostinho, que se saiba, parece ter sido o primeiro português a leccionar a cadeira de Filosofia da Educação. Este dado e tudo que dele decorrer reveste-se da maior importância se tivermos em conta que, nessa altura, nomes como os Peters, Hirst, Fullat, Reboul e outros que ajudaram a consagrar academicamente a Filosofia da Educação, ainda estavam longe de qualquer produção teórica significativa em tal campo de investigação.

Em 1954 ajudou a fundar a Universidade Federal de Paraíba. Em 1955 foi director dos Serviços Pedagógicos da Exposição Histórica do IV Centenário da Cidade de S. Paulo e ajudou a fundar a Universidade de Santa Catarina.

Na Universidade da Baía fundou em 1959 o *Centro de Estudos Africanos e Orientais*, e a partir desta Universidade fundou na Universidade de Sófia o *Centro de Estudos Luso-Brasileiros*.

Em 1961 colaborou na *Direcção Geral do Ensino Superior do Ministério da Educação*, ajudou a criar um *Centro de Estudos Goianos* na Universidade de Goiás, integrou uma comissão de *Estudos Ibéricos* na Universidade de Mato Grosso, e outra de *Estudos Europeus* na Universidade do Paraná. Ainda neste ano, participou na fundação da Universidade de Brasília onde fundou o *Centro Brasileiro de Estudos Portugueses* e promoveu o *Centro de Estudos Clássicos*.

Em 1964 fundou no Japão um *Centro de Estudos Luso-Brasileiros*.

### 3. Interesse pela escola nova e pedagogias libertárias

Com a preocupação de revelar o ideário das *Escolas Novas* redigiu, entre outros trabalhos, em 1938 uma biografia de Pestalozzi, seguidor de Rosseau, em 1939 escreveu *O método*

Montessori, em 1940 *As escolas Winnetka*, em 1941 *Sanderson & a escola de Oundle*, em 1942 *O plano Dalton*.

Em 1972, após ter regressado do Brasil foi responsável pela “Página de Educação” na Revista *Vida Mundial*, onde escreveu sobre *Ivan Illich*, *Escola Nova*, *Comênio*, *Educação Africana*, ...

Na escola de liberdade que tinha sido a Faculdade de Letras do Porto, aprendeu o respeito pela liberdade absoluta do homem que pensou poder materializar-se no movimento das *escolas novas*. Para tanto diz-nos Agostinho “As escolas realmente novas, as de um Tolstoi, as de um Sanderson, as de um Washburne, as de um Ligthard, as de um Faria de Vasconcelos, as de uma Armanda Alberto são apenas relâmpagos de esperança, logo abafadas pelas realidades, dos sistemas económicos [...] dos sistemas políticos [...] das religiões instituídas e convencionais [...]. Escolas de visionários, de anarquistas e de loucos: escolas em que a iniciativa é da criança, a que o adulto assiste e em que aprende, ou reaprende a ter imaginação, a criticar, a se integrar no jogo como num trabalho ou no trabalho como num jogo, a sonhar considerando o sonho como actividade necessária e legítima, numa palavra a ter todas as qualidades que perturbariam a calculada e, o que supõem, segura vida dos desembargos do paço ou dos presídios supremos”.

A escola tradicional era bem conhecida de Agostinho. Nela tinha sido aluno e mestre. Inovou no que pôde e viu quase sempre a sua acção limitada pelo controle do poder político. Quando ajudou a fundar Universidades e Institutos, fê-lo persuadido de que qualquer espécie de escola teria de ser transitória, uma vez que na sociedade hierarquicamente constituída apenas ia constatando que “Todas as reformas de ensino vão sempre, naturalmente, no sentido de tornar a escola mais eficiente, não no sentido de a eliminar; no sentido de mostrar às crianças toda a majestade de saber do adulto, em lugar de lhes descobrir o quanto eles ignoram; no sentido de lhes inculcar no ânimo que é sempre o adulto que têm de imitar, nunca no sentido de solicitar que ensinem elas ao adulto como pode ele restabelecer a aliança quebrada...”<sup>8</sup>. A questão está assim posta em nos inserirmos na ordem natural das coisas e aceitar a educação como um facto social de que seremos apenas agentes e receptáculos, ou querer a mudança social e educacional e por isso tentar pôr em prática, ainda que com sacrifícios pessoais de vária ordem, o ideário que vai animando as nossas crenças e estimulando as nossas acções. O *querer* que o poder quer, não pode impedir o *crer* que o indivíduo deseja.

#### 4. Para uma nova educação de Portugal e do mundo

Nas escolas de hoje, diz-nos Agostinho: “...o que fazemos é criar cabeças cúbicas. E nós como perdemos essa memória do cúbico, o que dizemos é que a maior parte das vezes, a pessoa sai da escola sendo uma besta quadrada”.

A escola transmite muitos conhecimentos, pede aos seus alunos para decorar coisas que passado o exame depressa não-de esquecer. Instrui em vez de educar. Instruir, lembrou-nos

Agostinho, significa "...o empurrar de meninos..."<sup>10</sup>. Obrigamos os outros a um esforço que por vezes não é consentido. A sociedade obriga e os meninos bem educados têm de lhe obedecer. Assim, "...empurramo-los para o ler, o escrever e o contar, mesmo que o não queiram, já que é a escola obrigatória, até mais obrigatória que a vida, pois até com fome, frio e mau trato se tem de lhe ir à frequência; mais tarde o empurramos para o liceu, se é de boa classe, para os cursos técnicos, se destinado a servir, portanto ao fim de um está na universidade, ao fim dos outros a oficina, que se nem pensem em juntar, alternando os períodos, por ser ideia, ao que parece, subversiva"<sup>11</sup>. A ordem da instrução está desde o início perfeitamente definida com leis, decretos, portarias, etc. Dizem-nos que se dirige aos indivíduos concretos, mas assenta em princípios totalmente abstractos. E porque assim é "Empurra-se o menino, empurra--se o adolescente, empurra-se o adulto: somos todos uns excelentes pedagogos: empurramos"<sup>12</sup>. De empurrão em empurrão cremos estar a cumprir de forma excelente a nossa função de educadores.

O mundo tornou-se mais complexo e menos solidário. A família viu alterada a sua estrutura e deixa que os seus filhos cresçam sozinhos. O exemplo que recebem em casa é o da ausência constante. O primado do económico em detrimento do afectivo. A partir do berço, já estão a ser educados para a solidão e o egoísmo. Agostinho de forma lúcida, falou-nos deste abandono: "Eles não tiveram e não têm aquilo que é importante para a criança ter que é a experiência dos mais velhos e a companhia, nos momentos difíceis da sua vida, como é, por exemplo, a ida para a escola. A quase toda a criança custa muito passar a ir à escola e quando mudam de escola, exactamente a mesma coisa: E ao passo que dantes, por condições de vida, eles tinham sempre algum apoio em casa, hoje, na maior parte das vezes; eles estão como que sozinhos na vida, só raramente vendo os pais"<sup>13</sup>.

Cada vez há mais homens revoltados contra o mundo. À medida que vão vivendo, sentem que a sociedade lhes vai negando a possibilidade de realizarem as suas aspirações mais simples. Ora nestas condições é muito difícil ser Homem. Por isso aparecem as drogas que vão permitindo que os indivíduos se aniquilem e esqueçam os fracassos relativos em que foram caindo. Rendido às evidências da desagregação do mundo contemporâneo, o homem torna as forças vitais em fracassos permanentes. Agostinho esclarece que "...o mundo está numa fase extremamente difícil e as pessoas em vez de se lançarem ao problema de ver como é que isso vai, quais seriam os caminhos, preferem com um pouco de cocaína ou vinho, alhear-se do problema, anestesiá-los e deixar que tudo o resto vá por conta de outros"<sup>14</sup>. Para o nosso autor, o caminho certo não é só o que leva directamente ao sucesso, mas também deve ser o difícil caminho de nos tornarmos cada vez mais dignos de ser homens. Por isso nos lembra: "...ninguém ousa tomar a vida nas suas próprias mãos, ninguém ousa, na maior parte das vezes, cometer o acto de dizer para si: pois vou fazer como se estivesse sozinho no mundo, evitando o mais possível perturbar o direito que os outros têm de estar sozinhos no mundo, mas vou comportar-me assim, tomar os meus problemas nas minhas mãos, não entregá-los aos outros e ir pela vida fora livre, alegre e confiante"<sup>15</sup>.

Nos tempos que correm estamos longe de poder dizer que “a educação fortalece o homem não para a solidão mas para a unicidade. Entre os seres inteligentes a admiração mútua reforça a unicidade e a independência”<sup>16</sup>. Hoje parece que educamos os nossos jovens para “dialogarem” com a televisão e os computadores, onde como é óbvio a “admiração” e a (in)dependência é unilateral - do homem pela máquina.

Contudo, Agostinho depositava uma cerrada fé na técnica, que, a seu ver, permitiria no futuro a realização da liberdade plena por parte do homem: “...o mundo, na fase actual, está, continuamente a semear desejos em nós, sendo esse um dos pontos mais importantes do mundo - como é que nós podemos chegar a uma economia que não semeie em nós o desejo, mas sim a quietação em vez da inquietação, prestando nós no entanto, toda a homenagem e todo o agradecimento aos tempos históricos passados e em que foi pelo desejo das pessoas que se conseguiu, na realidade, um parque industrial, um parque técnico como aquele que temos hoje à disposição e que - eu continuo a acreditar - bem utilizado podia contribuir para uma libertação do homem”<sup>17</sup>.

A luta que se impunha a Agostinho era pela concretização de uma escola nova onde “... a vida inteira tem de ser escola para todos e que o caminho para esse ideal é o das escolas cada vez mais abertas, cada vez com menos predomínio dos professores, cada vez mais centradas nas possibilidades criadoras da criança. Homens que finalmente olhem todos que pensam como seus irmãos, não como adversários que se trata de destruir ou de captar por manhoso artifício ou suborno ou pressão económica”.

Contra o rumo da história onde a pedagogia aparece associada a um acto de violência efectiva, que passava até pelas frequentes agressões físicas aos alunos, ajudando a formar neles uma atitude de raiva e desprezo pelo processo pedagógico, pretendeu o nosso autor que de futuro se substituísse a palavra pedagogia “...por outra a de anagogia, ou acto de levar para cima ou fazer subir...”<sup>19</sup>, uma vez que até hoje, fomos “...instruídos para não crermos em nós, [mas] para nos submetermos, para obedecer, não para criar, que foi ao que viemos; venha pois a anagogia, o caminho para cima, o mais depressa possível”<sup>20</sup>. Só um povo educado e esclarecido será um povo mais humano, fraterno e acolhedor, única garantia da sociedade desejada que por ser feita à imagem e semelhança dos seus obreiros, terá de ser Sociedade Universal e Final.

Passaremos agora para a acção concreta dos portugueses e suas capacidades de realizar as sínteses de que a organização mundial vem padecendo.

Por amor à vida e algum desprezo pela ciência, o português anónimo partiu acreditando que o imenso mar tinha de desaguar num porto seguro. Afinal o mundo também era imenso, e o mar desaguava em vários e diversos portos: “Então, a chegada das tripulações portuguesas, que jogavam todos esses dados na Europa, abalaram o Aristóteles, deram cabo dele e geraram uma crise tremenda no pensamento europeu”<sup>21</sup>. O mundo afinal não era aquilo que Aristóteles pensara e que o Império Romano e o Cristianismo foram ensinando ao longo dos

séculos. Os descobrimentos vieram provar que “A física de Aristóteles estava errada! Quando os portugueses, analfabetozinhos, voltavam lá da expedição marítima, eles podiam dizer que o que Aristóteles dizia não era assim, que havia homens na zona tórrida, por exemplo, que havia plantas e bichos que se pensava não existir, que havia estrelas que estavam ocultas”<sup>22</sup>.

Ousadia sem paralelo que lhes permitiu reescrever a história do mundo e corrigir a física milenar aristotélica, ao mesmo tempo que abriam caminho para que Galileu, Newton e outros vultos da ciência moderna pudessem aparecer e construir o conhecimento que a humanidade hoje tanto preza.

O nosso autor, ao contrário do que se faz querer, diz-nos que as mudanças essenciais que permitiram mudar o mundo não tiveram a sua origem nos princípios da Revolução Francesa, mas sim na ousadia dos analfabetos marinheiros portugueses.

Agostinho vê o Português, não como aquele que espera realizar a síntese, mas como aquele para quem “...todas as sínteses são imperfeitas e, portanto, está sempre nadando, pairando acima de tudo aquilo que já é sintético”<sup>23</sup> e se resume na “...capacidade de ver o geral em lugar de se discutir apenas o particular...”<sup>24</sup>. Ser homem é afinal estar a caminho, é ir fazendo à medida que se faz.

O português na sua singularidade, tem de se realizar num tempo futuro, que não deve ser “...o tempo do ortodoxo ou do heterodoxo, mas o tempo do paradoxo...”<sup>25</sup> e, o *supremo* paradoxo “...é o paradoxo da existência divina”<sup>26</sup>, uma vez que a sua “...fatalidade consiste em ser livre...”<sup>27</sup>. Fácil é concluir que se o homem é à *imagem e semelhança* de Deus, terá por obrigação “...ascender ao paradoxo”<sup>28</sup>. A face dupla que o português tão bem encarna, levou o nosso autor a apresentar como “...objectivo último da cultura portuguesa não o ortodoxo ou o heterodoxo, que é ortodoxia do outro lado, mas o, a nossos olhos, paradoxo, por ser exactamente a negação de toda a negativa, a um tempo afirmação perfeita”<sup>29</sup>.

São suas estas palavras: “Importante é instalarmo-nos no paradoxo. Medo tenho eu do ortodoxo e do heterodoxo, que me coibiriam de fazer algo que muito me agrada: poder conversar com pessoas de vários pensamentos, várias atitudes, com a capacidade de as entender em si mesmas, sobretudo quando alguma me aparece com sinal inteiramente contrário ao meu”<sup>30</sup>. O gosto pelo paradoxo que parece permear a existência dos portugueses, levou Agostinho a afirmar que o português é “Mais Zen do que cristão”<sup>31</sup>. Ou pelo menos completa o cristianismo, que se revela na capacidade de adaptação e transformação de novos espaços e de tempos diferentes, com uma avaliação subjectiva e relativa da existência, que se manifesta talvez de forma superior na poesia.

É ao Portugal medieval que Agostinho foi buscar os princípios políticos que permitam o ressurgimento de um Estado Federado, que primeiramente o deve ser dos Estados Peninsulares. Diz-nos ele sobre a organização política levada a cabo por D. Dinis: “Portugal era então uma Federação de concelhos republicanos. Cada concelho tem a sua constituição, são autónomos, e há no País um coordenador que é o rei e a que os concelhos dão o seu

assentimento ou não. É para isso que servem as Cortes. O rei anda pelo País, de concelho em concelho. É uma altura em que Portugal se pode definir por ser uma nação sem capital”<sup>32</sup>.

Pena foi na visão do nosso autor, que a Espanha nunca tivesse adoptado este tipo de organização interna. O seu desejo era de que no futuro, Portugal e Espanha, cooperassem numa organização política e social comum formando “...um conjunto de repúblicas, cada uma com a sua cultura e a sua independência ou interdependência, porque agora não há ninguém independente...”<sup>33</sup>. O fim último será transformar “...toda a Península [...] [n]um conjunto de territórios interdependentes, autónomos”<sup>34</sup>.

Embora caiba a Portugal comandar esta tarefa, não se quer com isso dizer que seja Portugal a impor unilateralmente os princípios básicos da organização política e social. Ou como o próprio Agostinho esclarece: “Não vamos agora querer que a Galiza pertença a Portugal, ou que Portugal pertença à Galiza; vamos entender que há uma cultura galega como há uma cultura do Minho, como há uma cultura do Algarve...”<sup>35</sup>, e todas colaboram de igual modo para a união e fortalecimento das “...culturas peninsulares”<sup>36</sup>. Depois de garantida a unidade da diversidade cultural dos Estados oficiais, Português e Espanhol, é necessário recuar muitos anos no tempo dos interesses políticos e fazer retornar “...toda a Península, ao que ela era antes de Carlos V”<sup>37</sup>, e nessa altura era “...uma bela pluralidade de culturas”<sup>38</sup>.

O futuro deve ser ordenado pelo Quinto Império, que não será um Império de domínio, mas um Império de fusão, de complementaridade, onde segundo o pensamento do P.<sup>o</sup> António Vieira, que Agostinho adopta, “...mística e razão se fundem no Logos do Evangelho joanino”<sup>39</sup>.

O Império do futuro, que será o último, não pode repetir nenhum dos erros dos Impérios que anteriormente caducaram, e que o nosso autor enumerou: “...mesopotâmico, egípcio ou persa [teriam desaparecido por] não ter ele descobrido o Abstracto, como o fizeram os Gregos, embora também a estes lhes marcássemos ruína por à Razão terem dado a primazia ou por não terem ido além da reduzida fórmula política de suas cidades-estado. No de Roma censuraríamos o prestígio excessivo que se deu à formação militar e o aplauso à retórica [...] e sobretudo, a anquilosante rigidez de seu Direito [...]. À Cristandade veríamos [...] o pecado do pacto com o Imperador Constantino...”<sup>40</sup>.

O tempo futuro que a Portugal compete preparar, coincide com a visão profética da vinda do Espírito Santo. Ora o culto popular do Espírito Santo encontra-se nas origens da Nação Portuguesa, e caracteriza-se por ser *imprevisível*. Diz-nos Agostinho: “...entende-se muito bem que o português tivesse uma paixão, não pelo previsível Pai ou pelo previsível Filho, mas por aquela coisa, aquela pomba errante que vai para onde quer, como ele, português...”<sup>41</sup>.

O mundo que se anuncia terá de ser suportado “...numa pedagogia em que fosse a criança o modelo do mestre, não o contrário...”<sup>42</sup>. A pedagogia que regularmente adoptamos é uma forma de matar a inteligência e a criatividade da criança, substituindo-as pela aritmética, pela ortografia, e outros tantos saberes que impedem a criança de ser e viver no mundo que lhe interessa, modelando-a ao mundo que interessa exclusivamente aos adultos<sup>43</sup>. Ora tal como se



lia na cerimónia do culto do Espírito Santo, "...a vida devia ser gratuita [...] ninguém tinha [...] que pagar para viver e [...] trabalhar para viver. Que tendo a vida sido dada de graça, era inteiramente absurdo, inteiramente tolo, passar o resto da vida a ganhá-la"<sup>44</sup>.

Os objectivos e as finalidades de uma educação que permita preparar a *Parusia*, que o Quinto Império há-de garantir são assim estabelecidos por Agostinho: "...educação para ser o pleno entendimento de nossas culturas peculiares, vindo a todas as outras como suas irmãs [...]. Acima de tudo ecuménica, mas, na verdade, para além de ecuménica [...] no fim de tudo a desejamos cósmica"<sup>45</sup>. Para que se complemente a educação quer que nos fixemos "...naquele para além de tudo ou nada que já anda no Buda e se apura nos mestres Zen..."<sup>46</sup>. A este respeito diz-nos ainda: "Se me perguntar o que há de mais notável no Oriente, dir-lhe-ei que é o *Budismo-Zen*, e se a pergunta for feita em relação ao Ocidente, responderei que é o pensamento cristão. Na minha óptica, o *Zen* representa o mais puro e completo dos pensamentos abstractos, enquanto o cristianismo ocidental parece ser o mais puro e completo comportamento do concreto. O fundamental do *Zen* é que uma coisa pode ser ela mesma e o seu contrário..."<sup>47</sup>.

Na sua *Educação para Portugal*, após ter constatado que "...não tem havido bastante demora quanto ao que se havia de fazer, já não com a mira de melhorar o que existe, suprimindo-lhe os defeitos, mas com o propósito de criar um sistema de educação que verdadeiramente corresponda ao que é Portugal [...] e não à mesquinhez que tantas vezes tem sido..."<sup>48</sup>, apontou como *fins* de tal educação, que "...dê corpo aos sonhos dos maiores que viu nascer e seja não parente pobre do mundo, mas seu guia, pois sempre se atrasa quem não tem por escopo abrir caminho"<sup>49</sup>.

Ora, se até aqui de uma forma ou de outra, a educação nos seus níveis mais elevados se destinava a formar elites, tem a partir de agora de se preocupar em formar o Homem Todo porque. "...educar não é levar ninguém a ser isto ou aquilo, não é tentar influir de qualquer modo em sua orientação futura, mas dar meios de expressão à sua capacidade criadora e de comunicação..."<sup>50</sup>. Os *propósitos* da educação que Agostinho desejava tornam-se bem evidentes nas seguintes palavras: "Creio, primeiro, que o mundo em nada nos melhora, que nascemos estrelas de ímpar brilho, o que quer dizer, por um lado, que nada na vida vale o homem que somos, por outro lado, que homem algum pode substituir a outro homem [...] e penso, quanto à segunda parte, que todo o homem é diferente de mim, e único no universo; que não sou eu quem sabe o que é melhor para ele, não sou eu quem tem de lhe traçar o caminho; com ele só tenho o direito, que é ao mesmo tempo um dever: o de o ajudar a ser ele próprio; como o dever essencial que tenho comigo é o de ser o que sou..."<sup>51</sup>.

## 5. Princípios para uma sociedade renovada

Para Agostinho a *Europa usurpou o que era da Península* e agora quando distribui algum dinheiro que sobeja aos estados ricos que a constituem, pensa estar a fazer um grande

favor a Portugal e à Espanha<sup>52</sup>. Ora, esta Europa de tecnocratas, considerou-a “...uma porcaria!”<sup>53</sup>, dizendo-nos ainda que “...a Europa não presta para nada, a Europa não se entende, porque se está a querer fazer uma coisa nova com uma trapalhada velha [...]. São aqueles estados centralistas de Luís XI, e aquela coisa toda...”<sup>54</sup>.

Esta Europa dos interesses económicos e dos jogos políticos, tem de ser substituída pela Europa das pessoas e das culturas. Como refere o nosso autor, na Europa futura, não se deve tratar “...de esta região ou aquela ser desta ou daquela maneira: trata-se de ser à sua maneira cada pessoa! Temos de levar o mundo a um tal tipo de organização que permita a identidade cultural de cada homem, sem sofrer nenhuma espécie de atropelo”<sup>55</sup>. E porque assim o entendia, dir-nos-á que “A liberdade cultural do Minho, ou da Catalunha, ou da Andaluzia, ou de qualquer coisa dessas, é apenas um degrau para passarmos ao último degrau da casa, que é cada homem ter a sua plena liberdade cultural!”<sup>56</sup>. Aconselhou mesmo a Europa para olhar mais longe, para se colocar aos ombros da Península, para que os governantes que regem os destinos europeus entendessem que “...a Europa [é] que tinha de se integrar na Península, não o contrário; e da Península, ou pela Península, deveria receber, de orientais, africanos e sul-americanos, lições de ordenamento humano e de olhar o saber, de novo, como louvor e meditação do criado, jamais como fonte e instrumento do poder”<sup>57</sup>.

Para além da liberdade plena, a *Nova Sociedade* que Agostinho vem anunciando, terá de se estabelecer, restabelecendo a recta conduta e a acção exemplar que marcaram duas importantes Instituições medievais; A *Ordem do Templo* e a *Ordem dos Rosacruz*. Que se torne não já Portugal, mas sim a *Comunidade dos Povos da Língua Portuguesa*, o agente místico que faça reviver os tempos áureos do mundo cavaleiresco.

O modelo proposto pelo nosso autor no sentido de politicamente organizar a nova ordem mundial, prevê que “...Portugal, pode ter para com o Brasil o papel que o Japão pode igualmente vir a ter com a China, que é a de ser a porta da Europa - porta de saída que pode agora tornar-se em porta de entrada”<sup>58</sup>. O mundo anunciado terá de ter o seu centro no mundo renovado que a África livre deve representar, uma vez que “...os africanos, depois de terem em cima deles, ao longo de mais de 600 anos, gente não africana, os europeus, os muçulmanos, que chegaram primeiro que estes à costa, sentem-se agora finalmente livres. Conseguiram ressuscitar, têm ali gente extraordinária, com qualidades incriveis, muitas das quais se transmitiram ao Brasil”<sup>59</sup>.

Para que a África cumpra o papel que lhe está destinado terá de se livrar da má organização política e social que com o advento da independência decidiu copiar dos países colonizadores. Em favor de um pretensu desenvolvimento, viu os novos Estados livres, submeterem-se a um *modelo europeu de Estado*, contra o qual se tinham batido; adoptaram a *pedagogia euro-americana* tão nociva à espontaneidade da criança; estabeleceram um *modelo capitalista de Estado*; fomentaram o aparecimento de uma *religião centralista*; pretenderam criar as condições de *desenvolvimento de uma tecnologia avançada*; elegeram como *valor*

*supremo o dinheiro*<sup>60</sup>. Retornando às origens poder-se-á realizar a síntese que compete à África sintetizando todas as influências que são dominantes no mundo. E quando assim for, “...haverá África, haverá Brasil e haverá China, e eu chamo a isso a política do ABC”<sup>61</sup>. A coordenação efectiva deste projecto terá de caber a uma Angola “...dos Humbundos e uma Angola dos Kibundos, e talvez, com sorte, uma federação”<sup>62</sup>.

Agostinho lembrou-nos que a sociedade do futuro não contempla países independentes, mas sim países autónomos. Constatando que “...já não há mais país algum que não seja dependente de todos os outros, e o próprio Portugal [...] ficou por fim autónomo do que ainda veio a chamar-se reino unido, colónia ou, já, província ultramarina”<sup>63</sup>.

Resolvida a organização externa do mundo que se quer ver instituído, resta apenas “...aprender duas coisas: aprender o extraordinário que é o mundo e aprender a ser bastante largo por dentro, para o mundo todo poder entrar”<sup>64</sup>. Agindo desta forma, garantiremos o aparecimento do futuro desejado, de que Agostinho é, de facto, precursor: “...para mim, preparar o futuro é ir ver que buracos há na estrada e começar a encher os buracos para que amanhã o vosso avião possa levantar voo sem nenhuma espécie de embaraço”<sup>65</sup>. O primeiro buraco a tapar é a desigualdade social que marca o povo português. Não se pode progredir sem garantir para todos os indivíduos as condições mínimas da existência: alimentação, agasalho, habitação<sup>66</sup>. A seguir, é preciso reformar a escola actual, no sentido de a tornar “...uma casa sempre aberta’ [...] onde eu possa entrar e perguntar aquilo que não sei”<sup>67</sup>. Afinal, o nosso autor, que tantos consideram sábio, sabe também “...que por mais que a gente saiba [...] morre-se sempre analfabeto nalguma coisa”<sup>68</sup>. Um terceiro buraco encontrou-o no sistema de saúde, dizendo-nos que “...pouca gente tem em Portugal saúde firme na qual se apoie”<sup>69</sup>.

Desta forma poder-se-á iniciar a *nova expansão* que permita a Portugal a “...reinserção na Europa”<sup>70</sup>, uma vez que “...a Europa é o único continente aonde falta chegar a modernidade de que o português tem sido mediador histórico. Os primeiros impulsos de modernização chegaram, historicamente, à Ásia, às Américas, à África, por via portuguesa”<sup>71</sup>. Se todo o mundo entrou na modernidade por influência dos Portugueses é agora “...necessário que Portugal empreenda, com a Espanha, um movimento de expansão dirigido à Europa”<sup>72</sup>. Finalmente, “...depois de todas as revoluções...”<sup>73</sup>, tudo será diferente e “...virá a revolução que vale e em que será guia o voluntário Pobre de Assis, santo só então para os homens de todas as religiões e para os que tenham a de as não terem: a revolução do despojamento, da disponibilidade e do ascender à poesia...”<sup>74</sup>. Apenas “...como Poeta, isto é, Criador, na Arte, na Ciência, na Técnica, na Acção e na Contemplação, será o homem verdadeiramente à imagem e semelhança do Divino: Centelha em nós do Pensamento eterno”<sup>75</sup>. O Deus imanente revelar-se-á com todo o seu esplendor nas criações humanas, ao mesmo tempo que com elas o homem há-de realizar a sua dimensão transcendente.

Como Deus foi o Poeta à solta por excelência, e como nós somos à imagem e semelhança Dele, cabe-nos por isso imitá-Lo, garantindo a todos os homens “...o tal direito de ser poeta

inteiramente à solta”<sup>76</sup>. Para assumir plenamente este direito essencial, cada um de nós apenas terá de se preocupar “...em seguir aquilo que é o seu ideal”<sup>77</sup>. Ora, como Agostinho entendeu sempre a vida como uma tarefa humana inacabada, um constante fazer, ser ‘poeta à solta’ e ser ‘criador’, não quer dizer que todos os homens se tornem artistas ou intelectuais. Afinal já diziam os estóicos que *a vida é uma arte, e o homem o seu artesão*. José Flório lembra-nos que para Agostinho “Criar é, fundamentalmente, deixar que o mistério do Universo se revele através do mistério da nossa individualidade. O que significa que só somos verdadeiramente criadores quando somos cada vez mais nós próprios, quando a nossa individualidade se expressa mais profundamente...”<sup>78</sup>.

A vida plena deve ser em todos os seus aspectos e condicionamentos *gratuita*<sup>79</sup>, *solidária* e *fraterna*<sup>80</sup>.

Da “nova” Europa que começava a surgir, esperava Agostinho que viesse a “...ser um novo Brasil. Não a falar só português. Vai falar várias línguas e depois se vê quais são as línguas que vão ficar mais usadas por toda aquela gente”<sup>81</sup>. A Europa espalhou-se pelo mundo, agora será o resto do mundo que tem de cuidar da Europa. Concluindo este pensamento de uma Europa ideal futura, diz-nos ainda que o “...o mundo, um dia; vai ser todo ele aquilo que este pequeno povo sonhou para o Brasil”<sup>82</sup>. Pois, como era convicção de S. Bento, que abandonando as honrarias que Roma teimava em lhe oferecer, decidiu deixar tudo e “...foi com uns amigos e todos entretiveram-se a copiar os livros. O resto do tempo passavam-no cantando, recitando, rezando e dizendo uns para os outros: - Aguenta-te, olha que o mundo não acaba, porque não se percebe na metafísica que acabe”<sup>83</sup>.

Transposto este ideário para a vivência portuguesa, é preciso que solidifique à luz de um conjunto de princípios coordenadores da acção livre dos homens. Com este propósito, Agostinho projectou uma *Fundação*, cujo objectivo era “...fazer perguntas, dizer às pessoas como eu resolveria, o que é que penso sobre várias coisas”<sup>84</sup>. Uns perguntam, e das suas interrogações vai brotando o abstracto que há-de realizar os seus desejos. A *Fundação* “Vai ser Portugal mexendo-se [...]. E tem que ser cada sujeito independente, porque senão lá temos um Conselho, uma Assembleia Geral, umas reuniões [...]. Eu não estou para isso...”<sup>85</sup>.

Com a *Fundação* em exercício, lançou o nosso autor em 1992, um texto que designou de “Projecto Áreas”, onde fala dos “cinco pontos” que uma vez cumpridos hão-de levar à desnecessidade de qualquer governo central ou centralista. As “áreas” que propõe são “...Atlântico Norte, Atlântico Sul, Indico, Pacífico Norte e Pacífico Sul”<sup>86</sup>. Os “lugares” são, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Macau e Timor.

O futuro depois de preparado, terá de se ajustar à realidade, “...é preciso imaginar e cumprir os que têm de construir o futuro...”<sup>87</sup>. Ora para que se comece a investigar o real nas suas diversas componentes, é necessário que se formem grupos com objectivos bem definidos daquilo que se encontra como valendo a pena; são os “...Irmãos Servidores”<sup>88</sup>. Servir o conhecimento por amor ao homem e servir o homem como agente da redenção do

mundo: “Como base, servidores, principalmente servidores daquilo que são fundamentalmente e atentos à vocação íntima dos outros”<sup>89</sup>.

Prosseguindo a nossa purificação e uma vez que “Ninguém é, por dentro mau: mas a experiência do mundo, às vezes complica a vida de muitos...”<sup>90</sup>, Agostinho apelou para nos livrarmos “...do supérfluo, não nos deixemos capturar por sentimento de posse, nem de bens, nem de pessoas, nem de nós próprios [...]. Esperai o que a vida vos pareça ordenar-vos: o menos possível de planos para a vida, porque às vezes vamos atrapalhar os planos que a vida teria para nós”<sup>91</sup>. Assim, a parte económica do novo espaço de Língua Portuguesa, ficaria a cargo de “...um Banco Cooperativo [que] forneceria os meios necessários para a exploração e todo o espaço dos ‘ajuntamentos’ seria considerado propriedade pública, posto que autónomo dentro das leis gerais”<sup>92</sup>. Os princípios da educação ou instrução dos membros da comunidade, caberiam aos “...Estudos Gerais [...] de tudo para todos, a qualquer abertos e para ninguém obrigatórios...”<sup>93</sup>, tendo de se preocupar com a Teologia Ecuménica. Teria ainda “...as Misericórdias a dirigir tudo o que se refere à saúde...”<sup>94</sup>.

Com a humildade e serenidade que só os raros possuem, Agostinho julgou-se apenas um *Irmão Servidor*, mensageiro do “...imaginário Convento Sonho duns Irmãos Servidores...”<sup>95</sup>, que tal como o seu *Superior* lhe vai ordenando, fica “...por completo, a vosso dispor [...]. Com os votos de toda a possível acção vossa e de toda a vossa capacidade de sonho”<sup>96</sup>.

## Notas

1- Agostinho da Silva, *O método Montessori*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1939, p. 80.

2- *Ibidem*.

3- Agostinho da Silva, “Apontamento: nova scara da ‘Scara’”, In *Vida Mundial*, 4-8-1972, p. 37.

4- Agostinho da Silva, *Dispersos*, 2ª ed., Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989, p. 60.

5- *Ibidem*.

6- *Ibidem*.

7- *Ibidem*, p. 236.

8- *Ibidem*, pp. 235-236.

9- Agostinho da Silva, *Namorando o amanhã*, Alhos Vedros, Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros, 1996, p. 44.

10- *Dispersos*, p. 559.

11- *Ibidem*.

12- *Ibidem*.

13- *Namorando o amanhã*, pp. 52-53.

14- Agostinho da Silva, *Vida conversável*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994, p. 69.

15- *Ibidem*.

- 16- Veiga, Manuel Alte da, *Filosofia da educação e aporias da religião*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1988, p. 132.
- 17- *Vida conversável*, pp. 63-64.
- 18- *Dispersos*, p. 543.
- 19- *Ibidem*, p. 559.
- 20- *Ibidem*.
- 21- *Ibidem*, p. 138.
- 22- *Ibidem*.
- 23- *Vida conversável*, p. 17.
- 24- *Ibidem*.
- 25- *Ibidem*, p. 61.
- 26- *Ibidem*.
- 27- *Ibidem*.
- 28- *Ibidem*.
- 29- *Dispersos*, p. 752.
- 30- *Ibidem*, p. 80.
- 31- *Ibidem*, p. 114.
- 32- *Ibidem*, p. 38.
- 33- Agostinho da Silva, *A última conversa - entrevista de Luís Machado*, Lisboa, Editorial Notícias, 1996, p. 49.
- 34- *Ibidem*.
- 35- Agostinho da Silva, *Ir à Índia sem abandonar Portugal*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994, p. 40.
- 36- *Ibidem*.
- 37- *Ibidem*.
- 38- *Ibidem*, p. 41.
- 39- *Dispersos*, p. 780.
- 40- *Ibidem*.
- 41- *Ir à Índia sem abandonar Portugal*, p. 39.
- 42- *Dispersos*, p. 774.
- 43- Cf. *Namorando o amanhã*, p. 43.
- 44- *Ibidem*.
- 45- *Dispersos*, p. 745.
- 46- *Ibidem*.
- 47- *Ibidem*, p. 114
- 48- Agostinho da Silva, *A educação de Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Ulmeiro, 1990, p. 7.
- 49- *Ibidem*.
- 50- *Ibidem*, p. 39.
- 51- *Ibidem*, p. 8.
- 52- Cf. *A última conversa - entrevista de Luís Machado*, p. 50.

- 53- *Ir à Índia sem abandonar Portugal*, p. 43.
- 54- *Ibidem*, p. 44.
- 55- *Ibidem*.
- 56- *Ibidem*.
- 57- *Dispersos*, p. 728.
- 58- *Ibidem*, p. 100.
- 59- *A última conversa - entrevista de Luís Machado*, p. 67.
- 60- Cf. *Dispersos*, p. 29.
- 61- *Ibidem*.
- 62- *Ibidem*, p. 77.
- 63- *Ibidem*, p. 829.
- 64- *A última conversa - entrevista de Luís Machado*, p. 96.
- 65- *Namorando o amanhã*, p. 33.
- 66- Cf. *Ibidem*, pp. 33-34.
- 67- *Ibidem*, p. 34.
- 68- *Ibidem*.
- 69- *Ibidem*, p. 35.
- 70- *Dispersos*, p. 66.
- 71- *Ibidem*, p. 67.
- 72- *Ibidem*.
- 73- *Ibidem*, p. 723.
- 74- *Ibidem*.
- 75- *Ibidem*.
- 76- *Vida conversável*, p. 182.
- 77- *Ir à Índia sem abandonar Portugal*, p. 23.
- 78- Flórido, José, *Um Agostinho da Silva - correspondência com o autor*, Lisboa, Ulmeiro, 1995, p. 16.
- 79- Cf. *Dispersos*, p. 792.
- 80- Cf. *Ibidem*, p. 799.
- 81- *Ibidem*.
- 82- *Namorando o amanhã*, p. 51.
- 83- *Dispersos*, p. 44.
- 84- *Ir à Índia sem abandonar Portugal*, p. 12.
- 85- *Ibidem*, p. 13.
- 86- Agostinho da Silva, *Cadernos do Ermitão Associado*, ed. policopiada, 1992, p. 1.
- 87- *Ibidem*.
- 88- *Ibidem*.
- 89- *Ibidem*, pp. 1-2.
- 90- *Ibidem*, p. 2.
- 91- *Ibidem*.
- 92- *Dispersos*, p. 849.

93- *Ibidem*, p. 883.

94- *Ibidem*, p. 849.

95- Agostinho da Silva, *Folhinhas do convento*, Lua Cheia 8-1-93 - ed. policopiada.

96- *Ibidem*.

## Bibliografia

### I. DE AGOSTINHO DA SILVA

*O método Montessori*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1939.

"Apontamento: nova scara da 'Scara'", In *Vida Mundial*, 4-8-1972, p. 37.

*Dispersos*. 2ª ed., Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989.

*A educação de Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Ulmeiro, 1990.

*Cadernos do Ermitão Associado*, ed. policopiada, 1992.

*Folhinhas do convento*, Lua Cheia 8-1-93 - ed. policopiada.

*Ir à Índia sem abandonar Portugal*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.

*Vida conversável*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.

*A última conversa - entrevista de Luís Machado*, Lisboa, Editorial Notícias, 1996.

*Namorando o amanhã*, Alhos Vedros, Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros, 1996.

### II. COMPLEMENTAR

Borges, Paulo Alexandre Esteves. "Silva, Agostinho da", In *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 4, Lisboa/S. Paulo, Verbo, 1992, pp. 1120-1125.

Flórido, José, *Um Agostinho da Silva - correspondência com o autor*, Lisboa, Ulmeiro, 1995.

Patrício, Manuel Ferreira, "Prefácio", In Mota, Helena Maria Biosa, Carvalho, Margarida Larcher Santos, *Uma introdução ao pensamento pedagógico do professor Agostinho da Silva*, Lisboa, Hugin, 1996.

Quadros, António. "Agostinho da Silva - Profeta do Terceiro Milénio", In *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 22-9-1986, p. 8.

Sousa, Ilídio de. "Bibliografia e antologia de textos", In *Contraste*, Associação de Estudantes da Faculdade de Economia do Porto, nº 1, ano 0, Novembro 1995, p. 16: nº 2, ano 0, Janeiro 1996, p. 22: nº 3, ano 0, Março 1996, p. 22: nº 4, ano 0, Maio 1996, p. 22.